Estrutura social Marubo: um sistema australiano na Amazônia

JÚLIO CEZAR MELATTI

Três meses de pesquisa de campo, sem conhecimento da língua do grupo estudado, do qual somente uns poucos membros falam o português, não são suficientes para a construção de um modelo satisfatório de sua estrutura social. Portanto, este trabalho visa simplesmente a pôr em ordem dados etnográficos recolhidos por Delvair Montagner e pelo autor no período compreendido entre os últimos dias do mês de dezembro de 1974 e os fins de março do ano seguinte, nas malocas dos índios Marubo. Apesar de preliminar, esta ordenação dá a perceber, como verá o leitor, algumas semelhanças entre a estrutura social Marubo e a da tribo australiana dos Kariera. Por isso, finalizaremos o presente trabalho com uma discussão sobre a possibilidade de se considerarem as estruturas Marubo e Kariera como manifestações de um mesmo modelo [1]. Enfim, tanto a ordenação dos dados como a referida comparação devem tornar evidentes certos problemas a serem resolvidos em futuras pesquisas de campo.

Os Marubo de que aqui trataremos vivem nas cabeceiras dos rios Ituí e Curuçá, na bacia do Javari, rio que separa o Brasil do Peru. São quase 400 indivíduos, que se distribuem em onze grupos locais diferentes. Com exceção de três, em cada um desses grupos locais há pelo menos uma maloca ou, como dizem os civilizados da região, um cupixau ou cocameira.

---

1 Esta pesquisa de campo foi financiada pelo Ministério do Interior através de um convênio com a Universidade de Brasília. Agradecemos à colega Alcida Rita Ramos as críticas e sugestões com que acompanhou a redação deste trabalho.

A esse tipo de construção os Marubo chamam de *srobo*[2]. É uma grande habitação de base em forma de elipse facetada, coberta de folhas de jarina da cumeeira ao chão, com uma porta em cada extremidade. A maloca fica sempre em lugar elevado, geralmente o cimo de uma colina. Dentro dela seus moradores dormem, cozinham, tomam as refeições, recebem visitas, realizam sessões de xamanismo, guardam milho, fazem ornamentos de fragmentos polidos de conchas de caramujo. Em torno da maloca, na borda do cimo da colina, se levantam os jiraus (*tapo*), isto é, casas sobre estacas, com assoalho e paredes de casca de tronco de paxiúba e cobertas de palha. São imitações das moradas dos civilizados da região. Aí os Marubo guardam armas de fogo, ferramentas de metal, tecidos, roupas. Usam essas construções como depósitos e oficinas. Cada jirau tem proprietário individual e porta fechada a cadeado[3]. Debaixo dos jiraus se guardam os grandes potes de cerâmica.

Em torno dessas construções, estendendo-se pelas depressões e elevações vizinhas, fica a roça, com uma organização do espaço também digna de nota: há caminhos que correm pelo cimo dos espigões que ligam as colinas entre si. Nas margens desses caminhos se cultivam a macaxeira, mamoeiros, goiabeiras; nas encostas e no fundo dos vales se plantam o milho e a banana.

Os Marubo entraram em contato com os civilizados na última passagem de século, no período de intensa exploração do látex do caucho e da seringueira, por peruanos e brasileiros, passando a par-

---

2 A grafia das palavras Marubo aqui utilizada é a mesma que os membros da Missão Novas Tribos do Brasil empregam nas suas cartilhas. Apesar da escolha de certas letras para representar determinados fonemas não nos parecer das mais felizes, resolvemos adotar esta grafia, porque nos facilitava a comunicação com os Marubo, que a empregam correntemente. Os próprios missionários, entretanto, a consideram provisória. As letras utilizadas têm o mesmo valor que em português, com as seguintes exceções: o *b* corresponde a um *v* produzido com os dois lábios; o *e* corresponde a um *u* não arredondado; o *o* representa um fonema que varia do nosso *o* fechado ao *u;* o *r* é pronunciado como o nosso *r* intervocálico, mesmo no início de palavras; o *s* equivale sempre ao *ss* de nossa grafia; o *tx* equivale ao *tch* da palavra "theco"; *sr* equivale ao nosso *ch* mas pronunciado com a língua enrolada para trás; o *w* equivale ao *u*, mas com o valor de semi-consoante; o *y* equivale ao *i*, mas com o valor de semi-consoante. O acento agudo indica a sílaba tônica, se esta não é a primeira da palavra. O til nasaliza as vogais e indica a sílaba tônica se não houver acento agudo.

3 Se tivéssemos mais dados seria até possível redigir um trabalho sobre esta representação espacial do contacto interétnico.

ticipar também dessa atividade. Com a queda dos preços da borracha, a população civilizada começou a abandonar a bacia do Javari, até que, pouco depois de 1930, os Marubo se viram de novo sozinhos, isolados dos brancos. Assim viveram cerca de vinte anos. Por volta de 1950 começaram a procurar os civilizados, encontrando-os na bacia do Juruá. A partir de 1952 a Missão Novas Tribos do Brasil se estabeleceu entre eles, onde está até hoje. Os Marubo passaram a manter relações comerciais com a região do Juruá, trocando borracha por produtos industrializados. Depois de 1960, madeireiros do Solimões chegaram até eles. Os Marubo foram deixando as relações com o Juruá e passaram a cortar cedro e mogno para comerciar com os regatões que recomeçaram a subir o Ituí. Apesar da área em que habitam estar cada vez mais ameaçada de ser alcançada por medeireiros e até de ser cortada pela estrada que vai ligar Cruzeiro do Sul (no Acre) a Benjamim Constant (no Amazonas), os Marubo ainda vivem atualmente numa boa situação: como não dedicam todo seu esforço à exploração de madeira, podem manter roças grandes e não lhes faltam alimentos de origem animal.

Grupos Residenciais

Admitiremos provisoriamente que um grupo local se constitui de uma ou mais malocas; em cada maloca moram várias famílias, algumas poligínicas; cada família polígínica se compõe de famílias elementares. Mas até que ponto essas unidades — grupo local, maloca, família poligínica, família elementar — existem como grupos?

Comecemos pela família elementar. Seus membros geralmente têm suas redes num mesmo *chanã, isto* é, uma certa porção do espaço da maloca. Esta é construída de tal modo que dispensa pilares no centro, onde fica um pátio interno, coberto, retangular. Ao longo de cada lado maior desse quadrilátero há duas filas de pilares que sustentam a maloca. Cada espaço quadrado marcado por quatro desses pilares é um *chanã*. No limite entre o *chanã* e o pátio interno (*chanã naqui*) cada mulher casada tem o seu fogo de cozinha. Além de dispor de um espaço privativo na maloca, cada família elementar se utiliza de um segmento da roça; ainda que os habitantes da maloca ou de malocas vizinhas se ajudem mutuamente na derrubada, no plantio na colheita (daqueles produtos que são colhidos de uma só vez, como o milho); as sementes pertencem a cada mulher, e cada uma delas usa alimentos colhidos no seu pedaço de roça. Assim, marido e filhos dependem primariamente das sementes e da seção

de roça da esposa e mãe. Apesar da falta de dados exaustivos sobre as expectativas de comportamento de cada membro da família elementar com relação a cada um dos demais, os aspectos apresentados parecem permitir considerar a família elementar como um grupo.

É mais difícil ver a família poligínica como grupo. Dos 60 homens casados constituintes do total da população Marubo, 42 são monógamos, enquanto 18 têm mais de uma esposa. Destes 18 homens, só três têm mais de duas esposas: um deles com quatro e os outros dois com três. Destes mesmos 18 homens, 11 têm seus casamentos caracterizados como poliginia sororal: são casados com mulheres irmãs ou primas paralelas matrilaterais entre si. Uma família poligínica não tem contornos espaciais muito nítidos, isto é, as esposas de um mesmo homem raramente ocupam nichos (*chanã*) contíguos. Há dois casos em que uma das esposas vive com seus filhos em maloca distinta da do marido, mas não tão afastada a ponto de tornar impossível o convívio [4]. Mas dificilmente encontram situações em que a família poligínica atue como uma unidade; as relações entre as famílias elementares que a constituem não são distintas das relações entre quaisquer famílias elementares da mesma maloca. Por isso, provavelmente a família poligínica não constitui um grupo.

Mas os habitantes de uma mesma maloca parecem formar um grupo bem definido. Cada maloca tem um ou dois *cacáya* (ou tuxauas, termo que usam os Marubo quando falam português). Os *cacáya* coordenam as atividades da maloca, fazem a divisão da roça em lotes para as mulheres e ainda são responsáveis pela etiqueta para com os moradores de outras malocas: são eles que os convidam para as festas, são eles que os recebem, são eles que espantam os cachorros que ficam em volta dos visitantes durante a refeição, são eles que servem a caissoma (bebida fermentada) de pupunha, são eles que vão à frente quando entram em visita em outra maloca. Em ocasiões solenes, fazem discursos com uma entoação ritual. Não parece haver uma autoridade superior à dos *cacáya* e que ultrapasse o âmbito da maloca. Normalmente os homens de uma mesma maloca fazem suas refeições em comum sentados em dois bancos compridos (*quenã*) e paralelos, no interior da maloca, junto a sua entrada principal. A esposa ou esposas de cada um trazem os ali-

---

[4] Há ainda três casos de mulheres que moram em malocas muito distantes das de seus maridos. Colocamos em dúvida que ainda sejam suas esposas, como admitem certas informações.

mentos em tijelas de cerâmica e cada homem se serve dos recipientes que lhe foram diretamente oferecidos como dos demais. As mulheres também fazem sua refeição em comum, no pátio interno. Já dissemos que os moradores da mesma maloca trabalham juntos nas fainas agrícolas. O mesmo acontece nas pescarias com entorpecente. Cada maloca também parece se constituir numa unidade ritual: cada uma realiza os ritos tradicionais e convida as demais. Essa unidade ritual parece estar representada de modo visível pelo pátio interno (*chanã naqui*), onde se realizam danças e cânticos nos ritos, pelos dois bancos (*quenã*) paralelos, onde os homens fazem as refeições diárias, recebem as visitas e participam das sessões xamânicas, pela presença do trocano (*aco*), que se faz soar sobretudo nos ritos.

Há malocas muito próximas entre si, situadas em colinas vizinhas ou mesmo no topo da mesma colina. Seus habitantes se freqüentam assiduamente, não raro comem juntos e até fazem trabalhos coletivos em conjunto, tal como presenciamos num plantio de bananeiras e numa colheita de pupunhas. Em tais casos parece que estamos diante de um mesmo grupo local.

Regra de Residência

Não há evidência de uma regra de residência simples, como a virilocalidade ou a uxorilocalidade. Poucos índios nos expressaram verbalmente algo referente à regra de residência; e o pouco que disseram é fragmentário e insuficiente. Mas parece que estamos diante de uma sociedade em que são várias as alternativas para a residência. Entretanto, na falta de uma história de cada maloca, do deslocamento de seus habitantes de umas penas para as outras e dos motivos desses deslocamentos, pouco se poderá dizer sobre os critérios que presidem à escolha da residência e como se ordenam.

O exame do censo e das genealogias, no entanto, talvez nos permita vislumbrar um padrão de residência. Durante nosso período de campo, os Marubo estavam distribuídos em 11 grupos locais, sendo 6 no Ituí e 5 no Curuçá e seus afluentes. No Ituí os grupos locais estavam dispostos ao longo do rio, cada um distante de uma a três horas de caminhada do seguinte. Cada um desses grupos locais era constituído de uma só maloca, com exceção daquele situado junto às casas dos missionários em Vida Nova, formado por três malocas e mais um núcleo de moradores sem maloca, abrigados em jiraus.
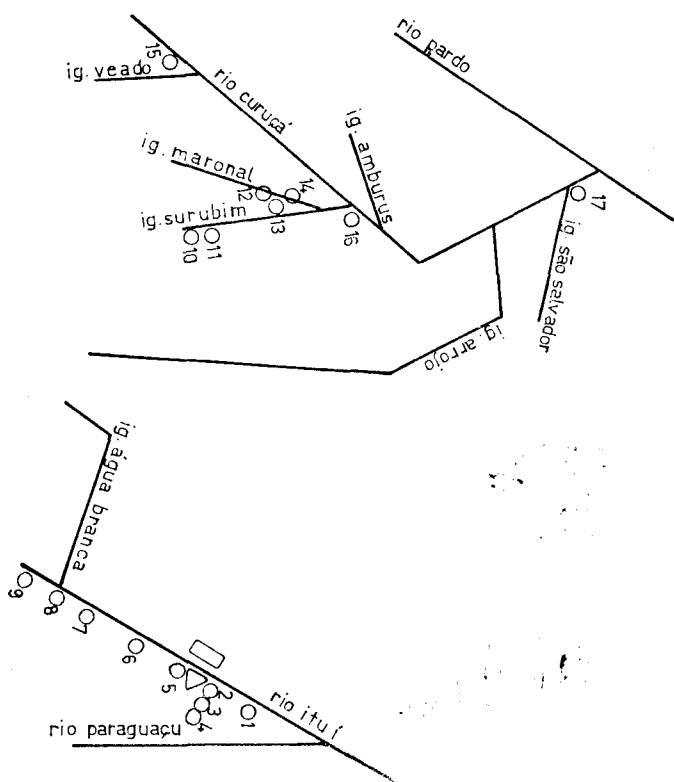
FIGURA N.º 1 — Esboço da localização dos grupos locais Marubo: maloca de Lauro (1); grupo local constituído pelas malocas de Raimundo Dionísio (2), de José do Nascimento Velho (3), de Paulo (4) e pelos jiraus de Arnaldo (5); maloca de Reissamon (6); maloca de Paulino (7); maloca de Américo (8); maloca de Mariano (9); grupo local constituído pelas malocas de Misael (10) e de Domingos (11); grupo local constituído pelas malocas de João Grande (12), de João Pequeno (13) e de Miguel (14); maloca de Aurélio (15); jiraus de Vicente (16); e jiraus de Santiago Peruano (17). O triângulo representa as três casas dos missionários, que constituem Vida Nova (6 graus e 48 minutos Sul; 72 graus e 10 minutos Oeste). O retângulo representa o campo de pouso. Para uma idéia da escala aproximada: as malocas 9 e 10 se separam por 17 horas de contínua caminhada.

Na bacia do Curuçá, as distâncias entre os grupos locais eram maiores, sendo a menor delas de quatro horas. Dois deles eram constituídos de mais de uma maloca: um com duas e o outro com três. Outro grupo local se reduzia a uma única maloca. Finalmente, os dois restantes tinham formas um tanto divergentes dos demais: um deles, por se reduzir a uma família elementar e alguns agregados, sem maloca; o outro, também sem maloca, por serem seus líderes dois civilizados, casados com mulheres Marubo, estabelecidos junto a um posto de atração destinado a outro grupo tribal[5]. Convém alertar o leitor para o fato de que essa distribuição dos Marubo em grupos locais é provisória e se baseia em dados precários. Futuramente não será impossível que venhamos a considerar certas malocas isoladas como constituintes de um mesmo grupo local, se novos dados nos mostrarem que mantêm entre si um intenso interrelacionamento.

Apesar das relações entre os moradores, nas diversas malocas, formarem várias combinações diferentes, podemos reduzi-las a alguns tipos, se tomarmos como referência as relações entre o principal líder da maloca e os demais homens adultos. Teríamos assim os seguintes tipos:

1.º) O líder tem junto a si tanto filhos do sexo masculino quanto genros. Duas malocas se incluem neste tipo. Há uma terceira em que os homens se dispõem no mesmo esquema, mas o líder é o genro e não o sogro.

2.º) O líder tem consigo um ou mais irmãos de sua esposa ou suas esposas. Duas malocas e um núcleo de moradores sem maloca se incluem neste tipo.

3.º) O líder tem junto a si alguns filhos de suas irmãs. Duas malocas se incluem neste tipo. Há mais duas em que a relação se inverte: o líder tem consigo um tio materno.

4.º) O líder mora com alguns filhos do sexo masculino. É o caso de uma maloca.

5.º) O líder mora com irmãos ou meio-irmãos do sexo masculino. Três malocas representam esse tipo.

---

5 Um desses civilizados era Vítor Batalha, funcionário da FUNAI que se casou com uma moça destinada a esposa de um Marubo; posteriormente se casou com a irmã dela, tirando-a de seu marido Marubo. Foi sem dúvida por esse motivo que os Marubo vieram a matá-lo, como há alguns meses noticiaram os jornais. As duas moças eram filhas de outro civilizado e de uma mulher Marubo.

À guisa de ilustração, a Figura n.º 2 mostra as relações genealógicas dos moradores de um grupo local e sua distribuição nas malocas que o compõem. O leitor poderá verificar como essas relações se dispõem em diferentes constelações nas diversas malocas.

Na verdade esses cinco tipos que acabamos de isolar podem provavelmente ser produzidos pela operação de um mesmo conjunto de regras ainda não conhecido. Podemos supor que a regra mais ampla seria aquela segundo a qual um homem, ao casar, pode continuar na maloca de seu pai ou se deslocar para a maloca do sogro. Baseados nessa possível regra, podemos esperar que um líder tenha em sua maloca tanto genros como filhos do sexo masculinos casados, isto é, uma maloca que se inclui no 1.º tipo. A morte ou a idade avançada do líder cria um problema de sucessão, que deve ser regulado por regras ainda não conhecidas. É possível que o novo *cacáya* possa ser tanto um filho quanto um genro; quando a liderança fica com este último, a maloca passa a se incluir no 2.º tipo; mas se a sucessão recair num filho, o novo líder terá junto a si maridos de algumas de suas irmãs; curiosamente este último tipo não é representado por nenhuma das malocas: haverá uma regra que desestimule essa combinação? A aplicação de regras menores ainda não conhecidas na escolha de residência pode fazer com que um líder fique apenas com alguns filhos de suas irmãs (que são genros possíveis ou efetivos), o que gera o 3.º tipo, ou apenas com seus filhos, o que conduz ao 4.º tipo. Nesses dois últimos casos, a morte do líder pode gerar o 5.º tipo.

Mas a escolha de residência após o casamento e as possíveis regras de sucessão dos líderes não são suficientes para explicar as atuais constelações de parentes em cada maloca. Conflitos e cisões também são responsáveis por elas. Por exemplo, um *cacáya*, acusado de ter envenenado [6] dois irmãos de uma de suas esposas, que na verdade morreram de meningite, viu se afastarem de sua maloca os demais irmãos dela, que foram morar junto ao marido de outra de suas irmãs. Por outro lado, as cisões das malocas Marubo parecem ter-se intensificado a partir mais ou menos do rateamento das relações com os civilizados. Por volta de 1950 existiriam, segundo algumas informações, apenas quatro malocas. Para essa intensificação deve ter contribuído o choque que os Marubo tiveram com os Mayo-

---

6 Normalmente, quando os Marubo falam de "envenenamento" não estão se referindo à magia, mas à ação de certas ervas e até de produtos industrializados, como a formicida.
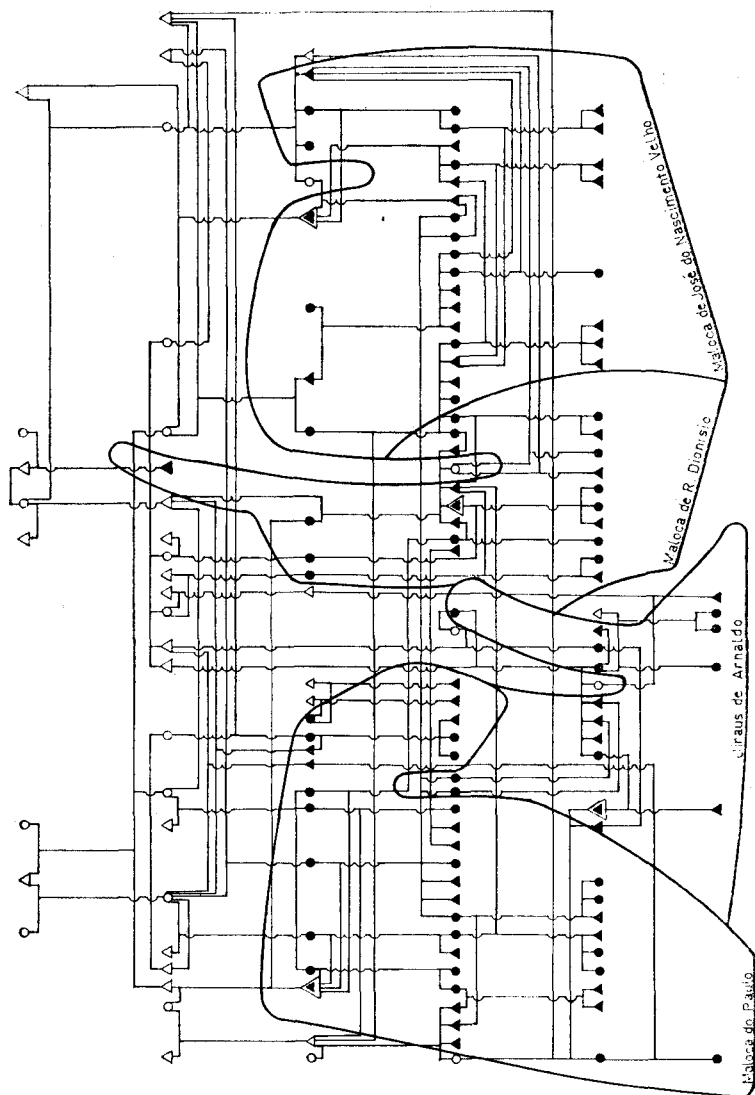
FIGURA N.º 2 — Relações genealógicas entre os membros do grupo local junto a Vida Nova. As figuras em branco representam indivíduos falecidos ou não peretencentes ao grupo local. Os triângulos negros sobrepostos a triângulos brancos indicam o principal líder de cada unidade habitacional constituinte do grupo local.

runa em 1960. O receio de um novo choque fez com que parte dos Marubo se deslocasse da região do Curuçá para o Ituí, então temporariamente abandonado por eles; mas há uma informação segundo a qual esse deslocamento se fez devido a acusações de envenenamento entre os próprios Marubo. Essas mudanças de área por certo se fizeram à custa de cisões de malocas cuja história ainda não conhecemos.

Enfim, as poucas informações em que os Marubo expressam verbalmente as regras de residência, embora não coincidam em todos os detalhes umas com as outras, deixam claro que o homem oscila entre a maloca do pai e a do sogro, o que coincide com as tendências inferidas através do exame das genealogias e do censo. Uma dessas informações, de um Marubo que passou a maior parte de sua vida, desde a infância, junto aos civilizados e que só depois de 1952 voltou ao grupo, assegura que há índios que moram com o sogro e há os que moram com o pai; quando um deles fica "mais ou menos", prefere ser líder de uma nova maloca. Entretanto, não esclarece que elementos são levados em consideração para escolher entre o pai e o sogro; nem entra em detalhes sobre o que é ficar "mais ou menos". Segundo um outro velho Marubo, o rapaz pode morar na casa do sogro, se este habita perto da casa do pai; caso contrário, permanece na casa do pai. Um terceiro afirma que outrora um homem, ao se casar, passava um ano na casa do sogro e depois ia para a casa do pai; passados uns tempos, voltava para olhar o sogro. Haveria, pois, um certo vai-e-vem do homem casado entre a maloca do sogro e a do pai. Finalmente, um quarto informante assegura que os genros poupam o sogro do trabalho. Essa informação implicaria talvez que um genro sempre deve estar com o sogro, embora nem todos tenham de estar junto dele ao mesmo tempo.

As Denominações

Chegou o momento de alertar o leitor de que "Marubo" não é uma auto-denominação do grupo indígena que estamos examinando. Aliás, na região, mais de um grupo é assim denominado pelos funcionários da FUNAI. Na maior parte dos casos, os chamados Marubo que aparecem nas notícias de jornais não pertencem ao grupo de que estamos tratando, mas a outros, em fase de atração [7]. Além

7 Das mortes de civilizações atribuídas a grupos chamados "Marubo" pelos jornais, apenas a de Vítor Batalha se deve ao grupo tribal objeto de nossa pesquisa (vide nota 5).

disso, os índios focalizados neste trabalho não reconhecem nenhum laço com os demais grupos denominados Marubo.

Porém foi em vão que tentamos encontrar sua auto-denominação. Mais de um informante indígena parece admitir que eles são resultado da reunião de remanescentes de vários grupos tribais. De fato, os Marubo (vamos continuar usando este nome, na falta de outro) se classificam sob várias denominações, mas um exame mais detido de sua regra de descendência nos faz perceber que não se trata de grupos tribais, mas sim de segmentos da mesma sociedade, organizados em torno de princípios de descendência: cada Marubo, de um ou de outro sexo, se classifica sempre sob a mesma denominação de sua avó materna. Assim, para facilitar sua apresentação, vamos admitir que cada dupla de denominações que se alternam através das gerações, em linha feminina, constitui uma unidade matrilinear. Convém esclarecer que os Marubo não explicitam verbalmente a existência dessas unidades matrilineares. Elas constituem um recurso do autor que, no estágio atual da pesquisa, facilita a organização dos dados. A cada uma dessas unidades atribuiremos uma letra e a cada uma das denominações incluídas na mesma unidade, os números 1 ou 2. As unidades matrilineares são, pois, as seguintes:

A — 1. *Sranenáwabo*
2. *Isconáwabo*

B — 1. *Barináwabo*
2. *Isconáwabo ou Tamawábo*

C — 1. *Txonabo*
2. *Isconáwabo*

D — 1. *Srãwábo*
2. *Isconáwabo*

E — 1. *Satanáwabo*
2. *Isconáwabo* ou *Robonáwabo*

F — 1. *Nináwabo*
2. *Ranenáwabo*

G — 1. *Nináwabo*
2. *Inonáwabo*

H — 1. *Wanĩbo*
2. *Camãnáwabo ou Coronáwabo*

I — 1. *Cananáwabo*
2. *Inonáwabo*

J — 1. *Chaináwabo*
2. *Yenenáwabo*
K — 1. *Nináwabo*
2. *Nomanáwabo*

A transmissão dessas denominações[8] se faz por gerações alternadas e linha feminina ou, em outras palavras, da avó materna para os netos, como ilustra a Figura n.º 3.

O recenseamento também indica que cada uma dessas unidades matrilineares que construímos são exogâmicas.

Mas há sérios problemas a resolver nesta apresentação. Em primeiro lugar, uma mesma denominação aparece em mais de uma unidade matrilinear. Veja-se, por exemplo, a denominação *Isconáwabo*: ela aparece em cinco unidades matrilineares diferentes: A, B, C, D e E. *Nináwabo,* por sua vez, aparece em três: F, G e K. Mas, a julgar pelo caso de *Isconáwabo,* estamos lidando com categorias diversas designadas por uma só denominação. De fato, um informante mais de uma vez fez a distinção entre os vários *Isconáwabo.* Assim, citou certo indivíduo como pertencente a uma classe de *Isconáwabo* também chamada *Tamawábo* (B2); numa segunda ocasião chamou-a de *Tamaíscobo,* uma combinação das duas denominações. Citou o irmão de sua esposa como pertencente a outra classe de *Isconáwabo,* também chamada *Robonáwabo* (E2), ou, como disse numa outra vez, *Roboíscobo.* Indicou mais outro, como incluído numa terceira classe de *Isconáwabo,* também chamada *Txascõnáwabo* (D2) ou *Metxaíscobo*[9]. Apontou ainda outro, como uma quarta classe de *Isconáwabo,* também chamada *Sronoíscobo* (C2)[10]. Citou a própria mãe como pertencente a uma quinta classe de *Isconáwabo,* que não

[8] O leitor terá notado que a maior parte dessas denominações termina com *nawabo;* por vezes o segmento *nawa* é suprimido e se mantém apenas o *bo.* Não conhecemos a língua Marubo, mas *nawa* pode ser traduzido provavelmente como "gente de"; *bo* parece ser a partícula que indica o plural. Entretanto, quando se referem a mulheres, os Marubo substituem o segmento final *nawabo* por *srabobo.* Quanto aos segmentos iniciais dessas denominações, eles têm as seguintes traduções: *srane,* "verde escuro" ou um pássaro; *isco,* "japu"; *tamawá,* "flor (*wa*) de pau (*tama,* árvore)"; *txona,* "macaco barrigudo"; *srãwa,* "arara encarnada"; *sata,* "ariranha"; *robo,* um japu de bico branco; *ni,* "floresta"; *ino,* "onça" (termo antigo); *wanĩ,* "pupunha"; *camã,* "onça"; *coro,* "verde claro" (*camã coro,* "raposa"); *cana,* "arara azul, amarela e encarnada"; *chai,* um passarinho; *yene,* "cigarra"; *noma,* "pombo que vive à beira d'água."

[9] *Txascõ* significa "saracura"; *metxa,* não sabemos.

[10] *Srono* significa "samaúma".
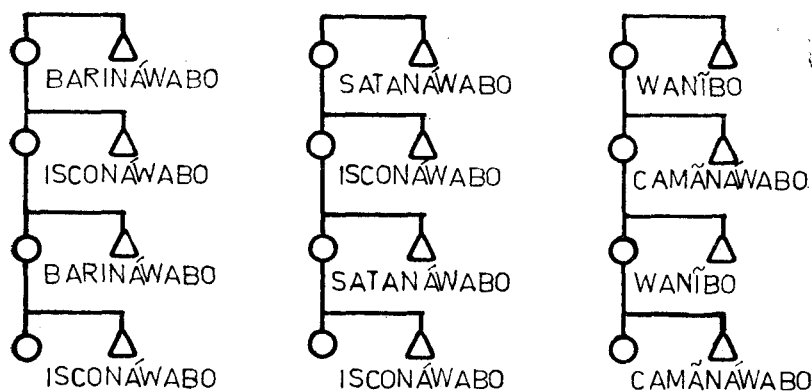
FIGURA N.º 3 — Três esquemas que mostram como as categorias se dispõem em unidades matrilineares (no caso, da esquerda para a direita, as unidades B, E e H).

dispõe de outra denominação (A2). Essas informações confirmam plenamente nossos dados obtidos no recenceamento e nas genealogias, pois cada classe de *Isconáwabo* apontada por elas alterna, em linha feminina, com uma denominação diferente correspondente às gerações contíguas. Por conseguinte, *Isconáwabo* seria uma denominação única para categorias diferentes. Fica apenas uma dúvida: se *Txascõnáwabo* equivale a uma categoria *Isconáwabo* (D2), como quer um informante, ou se corresponde à categoria *Srãwábo* (D1), como quer outro. De qualquer modo, é significativo que a discordância fique dentro da unidade matrilinear D, por nós construída. Fica assim, parece, resolvida a dúvida com relação à presença de uma mesma denominação nas unidades matrilineares A, B, C, D e E.

Nas outras unidades matrilineares aparecem com repetição as denominações *Nináwabo* e *Inonáwabo*. No caso dessas, não temos registro de nenhum informante que consagre a conclusão a que chegamos através dos dados do recenseamento e das genealogias: *Nináwabo* seria uma denominação que designa várias categorias (F1, G1 e K1), enquanto *Inonáwabo* seria uma denominação para outras categorias distintas entre si (G2 e I2). Mas há algumas informações que perturbam nossa interpretação. Por exemplo: um deles admite que *Inonáwabo* é a mesma coisa que *Camãnáwabo*, o que foi reiterado por outra informação; e que *Nináwabo* é o mesmo que *Wachacamãbo*[11]. Uma terceira também supõe que *Camãnáwabo* equivale a

11. *Wachacamã* significa "onça pintada".

Inonáwabo, porque antigamente a onça (*camã*) era chamada de *ino*. Que querem dizer essas informações? Que *Inonáwabo* e *Camãnáwabo* são denominações de uma mesma categoria? Ou apenas que essas denominações têm a mesma tradução ("gente da onça")? Se estão fazendo a primeira afirmativa, não coincidem com nossos dados censitários e genealógicos; se a segunda, então elas nos conduzem a uma observação interessante: assim como a denominação *Isconáwabo* ("gente do japu") está presente em todas as unidades matrilineares de A a E, há sempre uma denominação que significa "gente da onça" nas unidades de F a K (com exceção de J).

Há uma segunda dificuldade na nossa construção de unidades matrilineares pelo agrupamento das categorias designadas por essas denominações, duas a duas: reconhecem os Marubo a existência dessas unidades? De fato, os Marubo não parecem ter um nome para cada uma dessas combinações, mas unem as denominações duas a duas por relações de parentesco. Uma dessas relações é a de *coca*, isto é, os Marubo afirmam que as pessoas designadas por determinada denominação são *cócabo* (plural de *coca*) das designadas por uma outra denominação. Ora, *coca* é o termo de parentesco pelo qual é designado o tio materno ou o filho da irmã por Ego masculino, quando de idade superior a este, e por Ego feminino. Isso mostra como as duas denominações constituintes de cada combinação mantêm entre si uma relação matrilinear.

Um Marubo nos forneceu uma lista dessas combinações. Transcreveremos essa lista, colocando ao lado de cada denominação aquela pela qual são designados os *coca* dos membros da categoria coberta pela primeira; entre parêntesis indicaremos a letra da unidade matrilinear correspondente:

Tamawábo	*Barináwabo*	(B)
Isconáwabo	*Satanáwabo*	(E)
Cananáwabo	*Inonáwabo*	(I)
Nináwabo	*Ranenáwabo*	(F)
Srãwábo	*Isconáwabo*	(D)
Sranenáwabo	*Isconáwabo*	(A)
Wanĩbo	*Inonáwabo*	(não confere)
Txonabo	*Tamawábo*	(não confere)
Camãnáwabo	*Cananáwabo*	(não confere)
Wanĩbo	*Coronáwabo*	(H)
Robonáwabo	*Barináwabo*	(não confere)

Portanto, de onze combinações, sete conferem com as unidades matrilineares por nós propostas. Segundo o mesmo índio, a aplicação do termo *cócabo* é recíproca.

Outro informante nos deu também uma lista, que é a seguinte:

Wanĩbo	*Inonáwabo*	(não confere)
Isconáwabo	*Barináwabo*	(B)
Sranenáwabo	*Isconáwabo*	(A)
Robonáwabo	*Satanáwabo*	(E)
Coronáwabo	*Wanĩbo*	(H)
Camãnáwabo	*Cananáwabo*	(não confere)
Txascõnáwabo	*Srãwábo*	(D)
Ranenáwabo	*Inonáwabo*	(não confere)
Txonabo	*Robonáwabo*	(não confere)
Nináwabo	*Ranenáwabo*	(F)
Tamawábo	*Barináwabo*	(B)

Do mesmo modo que a lista anterior, de onze combinações, sete conferem com nossas unidades matrilineares.

Outros informantes nos apresentaram, não listas, mas combinações isoladas: os *Cananáwabo* como "sobrinhos" dos *Inonáwabo* (I); ou os *Srãwabo* como a mesma coisa que *Isconáwabo* (D).

Convém aqui alertar o leitor para o fato de que as unidades matrilineares que indicamos com as letras J e K não mais existem, pois as categorias que portam as denominações *Chaináwabo, Yenenáwabo* e *Nomanáwabo* não dispõem de nenhum membro vivo. Construímos essas unidades matrilineares a partir das informações de uma única pessoa, segundo as quais os *Yenenáwabo* eram *cócabo* dos *Chaináwabo* e os *Nináwabo, cócabo* dos *Nomanáwabo.*

Parece que só dispomos de uma informação em que um Marubo expressa a impossibilidade de casamento entre pessoas de categorias que mantêm entre si uma relação de *cócabo,* ou, como aqui dizemos, constituem uma mesma unidade matrilinear. É o caso do rapaz que admitiu não poder casar com mulheres *Ranenáwabo* (F2), que é a denominação dele, e nem com irmãs de *Nináwabo* (FI), podendo, entretanto, casar com filhas de *Nináwabo* (por certo filhas de homens *Nináwabo*). De qualquer modo, nossas genealogias e recenseamento mostram que não há casamento entre pessoas de categorias que formam uma mesma unidade matrilinear, como nos mostra o Quadro I. Essa exogamia, indicada estatisticamente, mas ex-

pressada verbalmente apenas uma vez, é mais um indício de que essas combinações de denominações constituem unidades de algum modo reconhecidas pelos Marubo. Convém alertar o leitor de que há casamentos entre indivíduos de mesma denominação, como *Isconáwabo,* mas pertencentes a categorias distintas que ela designa.

QUADRO I

f \ m	A1	A2	B1	B2	C1	C2	D1	D2	E1	E2	F1	F2	G1	G2	H1	H2	I1	I2
A1				8		1		1	1						3		2	
A2			3		1		2		2									
B1		4									1							
B2	4											3						
C1															1			
C2	1								2			1						
D1		4																
D2	3				3				1					2				
E1		1		2		3									3			
E2	1				4							5				2		
F1									1									
F2				2														
G1							1		1			1						
G2				1											1			
H1					1													6
H2								2		3			2				4	
I1									1									
I2										1								

Neste quadro está assinalado o número de uniões de membros de cada categoria com membros de cada uma das outras. Nas linhas horizontais estão indicados os casamentos das mulheres de cada categoria; nas verticais, os dos homens. Se um homem é unido a mais de uma mulher, cada uma de suas uniões está contada na linha vertical correspondente a sua categoria. Só foram incluídos no quadro os casamentos e as uniões ocasionais das quais resultaram filhos e de que pelo menos um dos cônjuges ou companheiros estava vivo no período da pesquisa de campo.

De qualquer modo, embora os Marubo pareçam reconhecer, de modo pouco explícito, as unidades matrilineares, geralmente se referem às categorias que as compõem como se fossem independentes.

Mais ainda: costumam usar qualquer denominação quc designa mais de uma categoria, sem o cuidado de esclarecer o pesquisador sobre qual a categoria a que se estão referindo. Por outro lado, não estávamos alerta, durante o maior tempo do período de pesquisa, para exigir esse esclarecimento, pois só na sua fase final começamos a perceber que certas denominações podiam designar mais de uma categoria.

Será interessante observar, em futuras pesquisas de campo, se há alguma tendência à cisão nas categorias que constituem a nossa unidade matrilinear H. De fato, numa maloca, a categoria *Wanĩbo* (H1) alterna com a categoria que aí tem a denominação *Camãnáwabo* (H2); mas na maloca imediatamente vizinha esta denominação é substituída por *Coronáwabo* (H2). Não sabemos até que ponto essa diferença de denominações reflete preferências de nomenclatura dos informantes que nos auxiliaram no recenseamento. Por outro lado, dentre as mulheres influídas sob a denominação *Camãnáwabo*, algumas moradoras da primeira maloca são também denominadas *Matisrabobo*[12]; essa denominação não abrange os indivíduos do sexo masculino da categoria e nem outras mulheres *Camãnáwabo* que moram na mesma maloca. Por ora não há casamentos entre membros da mesma categoria, mas com denominações diferentes; na verdade, as ligações genealógicas entre as pessoas designadas por essas diferentes denominações é até conhecida. Mas se no futuro esses casamentos se efetuarem, teremos consumada a cisão.

PARENTESCO

A terminologia de parentesco dos Marubo é relativamente simples. Uma de suas características mais notáveis é a de que os termos se repetem em gerações alternadas, tal como duas denominações de categorias constituintes de uma mesma unidade matrilinear. Os termos podem ser distribuídos em quatro conjuntos:

a) O termo para irmãos ou primos paralelos de ambos os sexos é *taque*. Os do sexo masculino podem ser chamados de *otxi*, se mais velhos que Ego, e *bicha*, no caso contrário. Mas nem sempre a aplicação desses termos leva em conta a idade relativa. No caso de Ego feminino, o termo *bicha* pode ser substituído por *onibaque*. Quando

---

12 *Mati* significa "onça pequena".

a pessoa designada é do sexo feminino, usa-se o termo *txitxo*, se é mais velha, e *txira*, se é mais nova. Os homens, sobretudo, parecem usar mais freqüentemente o termo *txitxo*, sem levar em conta a idade da mulher assim designada. Quando um homem é meio-irmão de Ego masculino por parte de pai, recebe a denominação de *ebémera;* se mulher, é chamada de *ebémera srabo*. Esses termos ou variações deles são aplicados a parentes da segunda geração ascendente. Assim, o termo *txitxo* ou, mais freqüentemente, sua variação *txichtxo* são aplicados à mãe da mãe, à irmã da mãe e, supomos, à irmã do pai do pai. O termo *otxi* ou, mais freqüentemente, sua variação *ochtxo* são aplicados ao irmão da mãe da mãe, ao pai do pai e ao irmão do pai do pai. Na segunda geração descendente os termos para irmãos e primos paralelos se manifestam. Termos como *otxi, bicha,* são aplicados ao filho do filho, ao filho do filho do irmão, ao filho da filha da irmã, por Ego masculino; a eles também se aplica o termo *srocó*, que está associado à transmissão do nome pessoal. À filha do filho, à filha do filho do irmão e à filha da filha da irmã, Ego masculino aplica os termos *txira, txitxo* ou *taque*. Já Ego feminino aplica sobretudo o termo *oni baque* ao filho da filha, ao filho da filha da irmã e ao filho do filho do irmão. À filha da filha, à filha da filha da irmã e à filha do filho do irmão, Ego feminino aplica o termo *txira* ou então *srocó*, que está associado à transmissão de nome pessoal.

b) Retornando à geração de Ego, vemos que Ego masculino chama as primas cruzadas, tanto a patrilateral como a matrilateral, de *pano*. Chama ao primo cruzado patrilateral de *txaitxo* e ao matrilateral *baba*. Há, entretanto, uns poucos exemplos em que *txaitxo* é o matrilateral e *baba*, o patrilateral, sem que saibamos a razão Ego feminino denomina tanto a prima cruzada patrilateral como a matrilateral de *pano* ou *baba*. Aos primos cruzados, tanto, o patrilateral como o matrilateral, chama pelo mesmos termos que Ego masculino, mas também lhes aplica o termo *txai*. Esses termos também aparecem na segunda geração ascendente. Assim, o termo *txaitxo* é aplicado por Ego, masculino ou feminino, ao pai da mãe, ao irmão do pai da mãe e ao irmão da mãe do pai. O termo *pano* ou, mais freqüentemente, sua variação *paĩtxo* são aplicados à irmã do pai da mãe, à mãe do pai e à irmã da mãe do pai. Na segunda geração descendente esses termos também aparecem. Assim, Ego masculino chama de *baba* ao filho da filha, à filha da filha, ao filho da filha do irmão, à filha da filha do irmão, ao filho do filho da irmã e, supomos, à

filha do filho da irmã. Ego feminino chama de *baba* à filha do filho e, supomos, ao filho do filho, ao qual também aplica o termo *txai*.

c) À mãe, às irmãs da mãe e às primas paralelas da mãe se aplica o termo *ewa*. Também são assim chamadas todas as filhas de mulheres chamadas *taque, txira, txitxo, txichtxo*, de qualquer geração. Isso vale tanto para Ego masculino como para o feminino. O irmão da mãe, seus primos paralelos e os filhos de mulheres chamadas de *taque, txira, txitxo, txichtxo*, de qualquer geração, são denominados *coca* ou *srobõtoa;* são *coca*, quando mais velhos que Ego masculino; *srabõtoa*, no caso oposto; Ego feminino sempre os chama de *coca*, independentemente de idade. Quando aplicado a mulheres velhas, como as da terceira geração ascendente, o termo *ewa* pode ser modificado para *ewatxo;* quando aplicado a mais novas, como as da primeira geração descendente, pode ser transformado em *ewasrco*. Também no caso de homens muitos velhos, o termo *coca* muda para *cocatxo*.

d) O pai propriamente dito é chamado de *papa*. Mas o irmão do pai, seus primos paralelos e os indivíduos do sexo masculino nascidos de homens chamados pelos termos *taque, bicha, otxi, ochtxo*, são todos denominados *epa*. A irmã de um *epa* é sempre uma *natxi*. Esses termos são igualmente aplicados por Ego masculino e pelo feminino. No caso de aplicação a indivíduos muito velhos, como os da terceira geração ascendente, os termos *epa* e *natxi* podem ser substituídos por *epatxo* e *nachtxo*. Quando se trata de indivíduos mais novos, como os da primeira geração descendente, os termos *epa* e *natxi* se transformam em *epasrco* e *natxisrco*. Aos próprios filhos Ego masculino e feminino chamam de *baque*, sem distinção de sexo.

A terminologia de parentesco Marubo é, pois, coerente com a inclusão de indivíduos de gerações alternadas em categorias que formam as nossas unidades matrilineares. Assim, todos os membros de uma mesma categoria se chamam de *taque* ou por termos equivalentes que distinguem sexo e idade. Em segundo lugar, a terminologia parece coerente com a regra matrimonial segundo a qual o homem deve se casar com a prima cruzada. Aqui há um certo problema. Segundo vários informantes Marubo, deve-se casar com a filha do *coca*, termo que inclui o irmão da mãe (mais velho que Ego masculino). Mas, ao mesmo tempo em que afirmam isso, também admitem que são bons os casamentos em que se faz a troca de irmãs reais ou classificatórias, o que implica em casamento com

primas cruzadas bilaterais. A própria terminologia reflete essa ambigüidade: ainda que ela seja coerente com o casamento com primas bilaterais, Ego masculino distingue o primo cruzado patrilateral (*txaitxo*) do matrilateral (*baba*). Na prática a troca de irmãs é rara, mesmo considerando as classificatórias. São comuns os casamentos com a prima cruzada matrilateral e com a patrilateral, próximas ou distantes genealogicamente, mas dificilmente se encontram casos em que a matrilateral seja também patrilateral, a não ser que se considerem relações genealógicas remotas e que escaparam ao nosso registro.

Ainda não dispomos de dados e nem de tempo de reflexão suficientes para apresentar de modo sistemático o comportamento entre parentes, mas podemos indicar algumas de suas características.

Uma delas é a acentuada solidariedade entre irmãos reais ou classificatórios, mas sobretudo entre os gerados pela mesma mãe e/ou pelo mesmo pai. Notamos que geralmente a madeira destinada ao comércio é derrubada, rolada para a água e conduzida até o barco do regatão por grupos de homens, a maioria dêles irmãos entre si. A eles se agregam um ou outro *coca, baba* ou *txaitxo*. Notamos também algumas duplas formadas por irmãos ou meio-irmãos que sempre se freqüentam, saindo para caçar ou para outras atividades quase sempre juntos. A solidariedade entre irmãos também se manifesta no sistema matrimonial: são freqüentes os casamentos com a irmã real ou classificatória da esposa do irmão, assim como é comum a poliginia sororal. Por outro lado, quando um marido dá mais atenção a uma esposa que a outra, a menos cortejada, mesmo que seja irmã da primeira, dá mostras de ciúmes, segundo uma informação.

Acreditam os Marubo que um indivíduo pode ter mais de um pai biológico; mas, nesse caso, assegura uma informação, é uma pessoa muito preguiçosa e seu nascimento deve ser evitado. Dentre as muitas relações que se mantêm entre pai e filhos, como também entre mãe e filhos, estão as restrições alimentares durante o período da gravidez, depois do parto e durante as doenças graves, sejam dos pais, sejam dos filhos.

Há um termo de referência, usado reciprocamente, para sogro e genro: é *rayose;* seu feminino é *rayose aĩbo*, aplicado à sogra e, supomos, à nora. Existe também um termo de referência, de uso recíproco, para irmão da esposa e esposo da irmã: é *quetsaa*. As relações do homem para com seus sogros e os irmãos de sua esposa devem

ser amistosas. Os sogros, mesmo antes do casamento, recebem dele presentes, que podem ser desde caça até produtos industrializados. O genro deve se preocupar em ajudá-los nos serviços de roça e na sua subsistência, mesmo que não more com eles. Parece que a princípio as relações entre o genro e os sogros são de extremo respeito, mas não a ponto de serem evitativas, e com o tempo se vão abrandando. Os irmãos da esposa e os maridos das irmãs são companheiros de atividades com que um homem pode contar. Apesar dessa relação ser normalmente marcada pela solidariedade, os poucos casos de violência, real ou suposta, que conseguimos anotar envolvem quase sempre o irmão da esposa e o marido da irmã. Essa violência também ocorre entre homens não-irmãos (nem reais, nem classificatórios) que disputam a mesma esposa.

Nomes Pessoais

Um exame de várias informações nos permite concluir que o nome pessoal é sempre transferido de um parente de geração ascendente para Ego. O transmissor ou transmissora do nome chama ao nominado ou nominada pelo termo *srocó*. No caso dos nomes masculinos, esse parente é um *otxi* ou *ochtxo*; para os nomes femininos, uma *txitxo* ou *txichtxo*. É possível haver a tendência de cada nome permanecer sempre dentro do âmbito de uma categoria. Mas um nome pessoal não está necessariamente associado a uma categoria; há uma informação que admite sua independência com relação a elas; e um exame do recenseamento e das genealogias confirma essa informação.

O indivíduo Marubo recebe vários nomes pessoais durante a vida. A princípio a criança é chamada de *chẽque*, que significa "neném". Quando começa a engatinhar, recebe um nome; quando está perto de alcançar a puberdade, recebe um novo nome; mais tarde passa a ser chamada por tecnonímia. Faltam-nos informações sobre o momento exato do ciclo de vida em que se faz cada mudança de nome; também não sabemos se é mais adequado se falar em mudança ou se em acréscimo de nome. Parece, a julgar por umas poucas informações, que cada indivíduo passa pela mesma seqüência de nomes que seu nominador, isto é, recebe nomes de apenas uma pessoa. Os Marubo informam com mais facilidade os termos tecnonímicos do que os outros nomes. E, parece, são menos reticentes a respeito dos nomes dos outros do que dos próprios.

A tecnonímia aplicada a um homem corresponde ao nome de um filho ou filha seguido do segmento *pa* ou *papá*, que significa "pai"; por exemplo, *Txanõpapá*, isto é, "pai de *Txano*". No caso da mulher, consiste do nome de um filho ou filha, seguido dos segmentos *wa* ou *ewa*, que quer dizer "mãe"; o primeiro, se ainda não tem filhos, e o segundo, se já os tem; por exemplo, *Noyãwa* ou *Noyãewa*, ambos significando "mãe de *Noya*".

Os nomes anteriores ao recebimento da tecnonímia, não sabemos se o primeiro, o segundo ou ambos, podem vir precedidos da denominação da categoria a que pertence o seu portador. Por exemplo: *Wanĩ Sai, Wanĩ Peco, Ino Maya, Ino Roca, Tama Nato, Tama Roni, Bari Mãco* etc. Infelizmente poucos informantes nos citaram nomes pessoais dessa maneira. E há vários nomes precedidos da denominação de categoria diferente daquela de que o portador é membro.

Localização das Categorias e Inter-casamentos

Não dispomos de informações sobre casamentos preferenciais entre determinadas categorias, a não ser um ou outro dado nem sempre digno de confiança. Para se tentar observar algum tipo de preferência, devemos voltar a examinar o Quadro I. Nota-se um número maior de casamentos entre as unidades matrilineares A e B, A e D, C e E e ainda I e H. Por outro lado, há ausência de casamentos entre certas unidades. De qualquer modo não podemos ainda atribuir a grande freqüência ou a ausência de casamentos entre certas unidades a uma regra, pois talvez isso se deva ao número de membros de cada uma e também à localização espacial de cada uma com relação às demais. Porém, observações que ainda faremos mais adiante sugerem outros motivos para a taxa mais alta de casamento entre algumas unidades.

Atualmente se pode observar a concentração de algumas categorias em certos locais, como indica o Quadro II. Assim, as categorias que constituem as unidades matrilineares H e I têm quase todos os seus membros concentrados nas malocas que ficam junto às casas dos missionários de Vida Nova, no rio Ituí. Já a unidade F não tem representantes no Ituí e seus membros se concentram nos locais mais próximos do rio Curuçá. As demais unidades aparecem tanto do lado do Ituí como do Curuçá: a unidade A com uma forte concentração no Ituí, sobretudo nas malocas mais afastadas de Vida Nova; a unidade B com uma distribuição semelhante, mas com a

QUADRO II - POPULAÇÃO MARUBO POR SEXO, MALOCA E CATEGORIAS

CATEGORIAS / MALOCAS	A1		A2		B1		B2		C1		C2		D1		D2		E1		E2		F1		F2		G1		G2		H1		H2		I1		I2		Cat. Desc.		Total		Total Geral
	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	m	f	
Paulo										1	1	2													3	1		1	6	10	7	6			1				18	21	39
José do M. Velho		2	3	2													5	2	3	3									5	1	2	4							18	14	32
Raimundo Dionísio		2	2	3																									1	2	1	3	4		1	2	1		10	12	22
Arnaldo													2	4	3	3											2					2							7	9	16
Lauro	2	1		3									1	5		2																					1	2	4	13	17
Reissamon	4	3	1	1	2	5	3	3						2		1																					1		11	15	26
Paulino	1	4	3	2	1	3	1	2	1	1		1																											7	13	20
Américo	4	4	4	2			1						1	3			1	2		1																			11	12	23
Mariano		1	5	1					1				3	5	3	4										1	1	2											13	14	27
Misael									2		1	1					7	7	2	3																	1		13	11	24
Domingos					3		1	1	3			1				1	3	1	1				1		1	2		4											13	10	23
João Grande	1	5	6	9	1	1	3	1										1	2	2																	1		14	19	33
João Pequeno	1						2	3										2	1	1																			4	6	10
Miguel		1	1	2			5														4	1		2															10	6	16
Aurélio					2	3	1	4									2	2	1	3	1	2	6														1		14	14	28
Vicente									1		1		3	1		1																1							5	3	8
Santiago Peruano																					2	3	3	5															5	8	13
Nascidos fora									4	1																													4	1	5
Emigrados																								1													1		1	1	2
Ausentes	2										1												3				1				3								10		10
Raptados																				1										1		1								3	3
Sem residência fixa																			1																		1		2		2
Civilizados																																					3		3		3
Total	15	23	25	25	9	12	17	14	12	3	4	5	10	20	6	12	18	17	11	14	7	6	13	8	4	4	4	7	12	14	13	17	4		2	2	11	2	197	205	402
Total Geral	38		50		21		31		15		9		30		18		35		25		13		21		8		11		26		30		4		4		13		402		·402

maior parte de seus membros dos lados do Curuçá. Convém notar, entretanto, que essa distribuição é recente, pois, como já dissemos, só depois do choque com os Mayoruna é que parte dos Marubo se deslocou para o Ituí.

Mas os Marubo falam de um passado mais remoto, talvez do tempo anterior ao primeiro contato com civilizados, em que as categorias tinham uma localização mais bem definida. Há um consenso, entre os poucos indivíduos que nos informaram sobre isso, que os *Sranenáwabo* (A1), os *Barináwabo* (B1) e os *Isconáwabo* habitavam outrora o Ituí. Mas a que categoria denominada *Isconáwabo* estariam se reierındo os informantes? Segundo uma informação, a denominação *Isconáwabo* aqui se refere à categoria que indicamos como B2. Se as categorias A1, B1 e B2 viviam no Ituí, é provável que os membros da categoria A2 aí também estivessem, se admitirmos que os casamentos não implicavam em deslocamentos para áreas muito remotas. Por outro lado, informantes dignos de confiança nos asseguraram que os *Wanĩbo* (H1), os *Camãñáwabo* (H2), os *Inonáwabo* (I2), os *Cananáwabo* (I1), são originários do Javari. Os *Nináwabo* (G1) e as desaparecidas categorias *Chaináwabo* (J1) e *Yenenáwabo* (J2) teriam vindo do igarapé Santa Clara, um afluente do Curuçá, ao norte do Amburus. Boa parte das outras categorias provavelmente seriam da região intermediária do Arrojo e Maronal, afluentes do Curuçá.

Por conseguinte, a freqüência mais alta de casamentos entre as unidades A e B, de um lado, e H e I, de outro, que, como vimos, ocorre atualmente, talvez tenha algo a ver com a localização, no passado, das categorias A1, A2, B1 e B2, no Ituí, e das categorias H1, H2, I1 e I2 no Javari.

Curiosamente, a associação entre as denominações *Sranenáwabo, Barináwabo* e *Isconáwabo*, de um lado, e *Inonáwabo, Cananáwabo* e *Wanĩbo*, de outro, ocorre em outras instâncias além da antiga localização espacial. Por exemplo, segundo uma versão do mito de origem dos homens, incompleta, os *Barináwabo*, os *Sranenáwabo* e os *Isconáwabo* saíram juntos do seio da terra; os *Inonáwabo*, os *Cananáwabo* e os *Wanĩbo* saíram em outra região, também juntos; os *Ranenáwabo* e os *Satanáwabo* surgiram juntos, num terceiro agrupamento. No mito há três personagens (ou um, com três modos de se manifestar, a informação é confusa) que têm a mesma denominação daqueles homens que cantam para curar os enfermos: *Quẽchĩtxo*. Eram eles: *Iscoquẽchĩ, Bariquẽchĩ* e *Sranequẽchĩ*. Eles can-

tavam à beira do buraco por onde os homens saíam. Note-se, pois, aí, que os nomes desses personagens tornam a associar as denominações *Isconáwabo, Barináwabo* e *Sranenáwabo.*

Enfim, após essas observações, talvez façam sentido as informações aparentemente contraditórias de que as denominações correspondem a tribos cujos remanescentes se reuniram para formarem os Marubo. Ora, como vimos, essas denominações não podiam corresponder a tribos, pois as categorias que nomeavam não podiam existir isoladas, por serem exogâmicas e terem uma regra de descendência que as associa duas a duas. Mas não é impossível que os *Barináwabo*, os *Sranenáwabo* e pelo menos duas categorias denominadas *Isconáwabo* constituíssem uma tribo no Ituí; os *Cananáwabo*, os *Inonáwabo*, os *Wanĩbo* e os *Camãnáwabo* poderim ter constituído uma outra tribo no Javari; os *Nináwabo*, os *Chaináwabo*, os *Yenenáwabo* e alguma outra categoria, uma terceira tribo mais ao norte; as outras categorias restantes poderiam constituir uma quarta tribo no Arrojo e no Maronal. Se tal coisa realmente aconteceu, cada tribo teria abrangido pelo menos quatro dessas categorias, teria um sistema de casamentos de primos cruzados bilaterais, termos de parentesco distribuídos por gerações alternadas, enfim, uma estrutura social que lembraria o sistema Kariera australiano.

O Tipo Kariera no Sudoeste Amazônico

Quando, há quase cinqüenta anos, Radcliffe-Brown procurou sistematizar o que então se conhecia sobre a organização social das tribos australianas (Radcliffe-Brown, 1930-31), dedicou boa parte de seu trabalho ao sistema de quatro seções e ao de oito subseções, que caracterizariam um grande número daquelas sociedades. Para discutir o de quatro seções, tomou como exemplo a tribo Kariera; para o de oito subseções, a tribo Aranda. Para o exame da estrutura Marubo só nos interessa o de quatro seções e apenas nele vamo-nos deter.

A tribo australiana dos Kariera se dividia nas seguintes seções:

Banaka	*Burung*
Karimera	*Palyeri*

ou, substituindo esses nomes por letras,

A	B
C	D

Os nomes dessas seções (ou as letras que os substituem) estão dispostos graficamente de tal maneira que os da mesma linha horizontal correspondem a um par (*pair*), os da mesma linha vertical correspondem a um ciclo (*cycle*), e os que não estão nem na mesma linha horizontal e nem na mesma vertical correspondem a uma dupla (*couple*), na terminologia de Redcliffe-Brown (1913, p. 148; 1930-31, p. 38). Um membro de uma seção só se pode casar com membro da outra seção do mesmo par; os membros de sexo masculino de qualquer seção têm seus filhos e filhas incluídos na outra seção da mesma dupla; por sua vez, os membros de sexo feminino de qualquer seção têm seus filhos e filhas incluídos na outra seção do mesmo ciclo.

Se, com base nessas regras, dispusermos as seções numa rede genealógica, esboçaremos um esquema como o da Figura n.º 4, que, naturalmente, é muito simplificado: deve ser lido de tal modo que
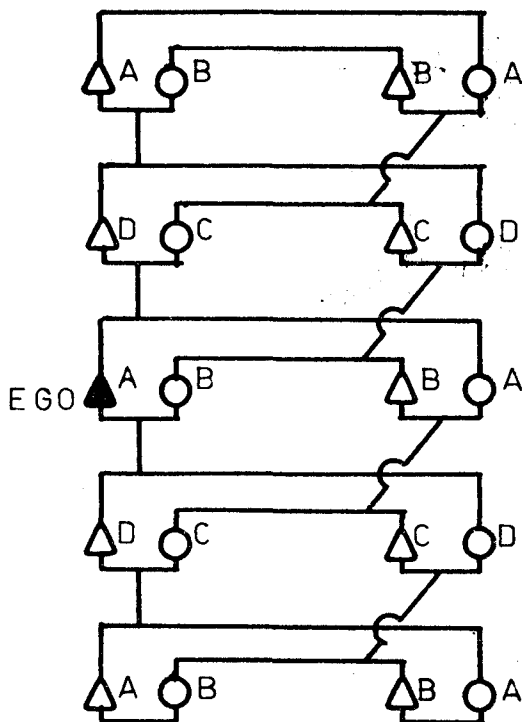
FIGURA N.º 4 — Indicação de como as quatro seções se dispõem num esquema genealógico.

cada triângulo ou círculo não represente apenas um indivíduo, mas também seus irmãos do mesmo sexo.

Radcliffe-Brown interpretou o sistema de quatro seções como resultante da coexistência de dois pares de metades, um patrilinear e outro matrilinear. A metade patrilinear I seria constituída da dupla formada pelas seções A e D; a metade patrilinear II, pela dupla B e C. Por outro lado, a metade matrilinear X seria formada pelo ciclo constituído pelas seções A e C, enquanto a metade matrilinear oposta Y, pelo ciclo B e D (Radcliffe-Brown. 1930-31, p. 55). Na Figura n.º 5 procuramos representar graficamente essa interpretação. Parece-nos que para Radcliffe-Brown tais pares de metades podiam ser tanto um item explícito da cultura de determinadas tribos como uma construção analítica do pesquisador em outras.

Em 1949, Lévi-Strauss, ao reexaminar o sistema de quatro seções, propõe uma outra interpretação: teríamos metades matrilineares exogâmicas e grupos locais (ou hordas, como também os chama Radcliffe-Brown, patrilocais exogâmicos (Lévi-Strauss, 1976, p. 201-203). Procuramos representar graficamente essa interpretação na Figura n.º 6. As metades matrilineares que Lévi-Strauss inclui na sua interpretação também podem, parece-nos, ser concretas ou apenas construções do pesquisador. Mas os grupos locais exogâmicos são reais, como nos mostram os próprios dados etnográficos de Radcliffe-Brown. Realmente, este último, num velho artigo (1913, p. 144 e 159), apresenta um mapa do território da tribo Kariera, no qual indica a localização de 19 grupos locais. Ora, cada grupo local indicado é constituído das seções *Banaka* e *Palyeri* ou das seções *Karimera* e *Burung*: não há outras combinações. Em outras palavras, cada grupo local é constituído por uma dupla [13]. Portanto, cada grupo local só contém duas seções que se ligam por linha masculina. Para que as seções se reproduzam é, pois, necessária a interrelação entre pelo menos dois grupos locais constituídos de duplas diferentes.

Ilustrando a interpretação de Lévi-Strauss, tomemos o caso de uma mulher qualquer, na Figura n.º 6, nascida no grupo local II e pertencente à metade matrilinear Y, portanto membro da seção B. Devido à exogamia das metades matrilineares, ela tem de se casar com um homem da metade X; devido às regras de exogamia de

[13] Radcliffe-Brown se esquece de prevenir o leitor, mas supomos que ele indica no mapa apenas as seções dos membros nascidos em cada grupo local e não os que neles entraram pelo casamento.

grupo local e de residência patrilocal, essa mulher tem de se deslocar para o grupo local do marido, ou seja, o I; o marido é, pois, da seção A. Os filhos e filhas dessa mulher serão da metade ma-
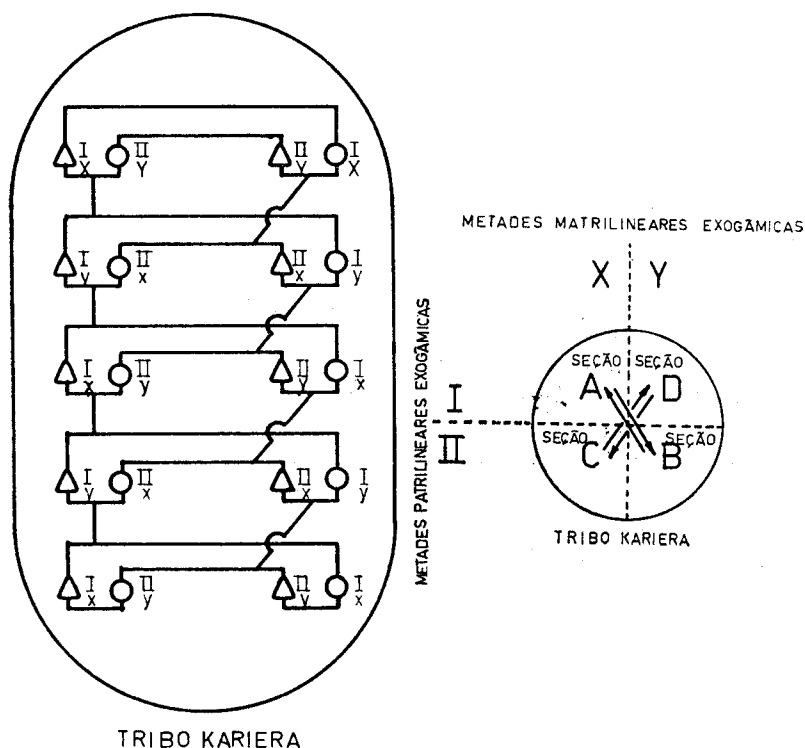
FIGURA N.º 5 — Duas tentativas de representar graficamente a explicação de Radcliffe-Brown para o sistema de quatro seções. As setas indicam as possibilidades matrimoniais.

trilinear dela, Y, mas nascerão no grupo local do pai, I; portanto, pertencerão à seção D. A filha dela deve se deslocar para morar com um marido do grupo local II e da metade matrilinear oposta, X, portanto um homem da seção C. Na nova residência, esta gerará filhos e filhas de sua própria metade matrilinear Y, mas pertencentes ao grupo local em que está residindo, II, portanto da seção B, a mesma de sua mãe. Assim, a neta inicia o mesmo circuito formado a partir de sua avó materna.
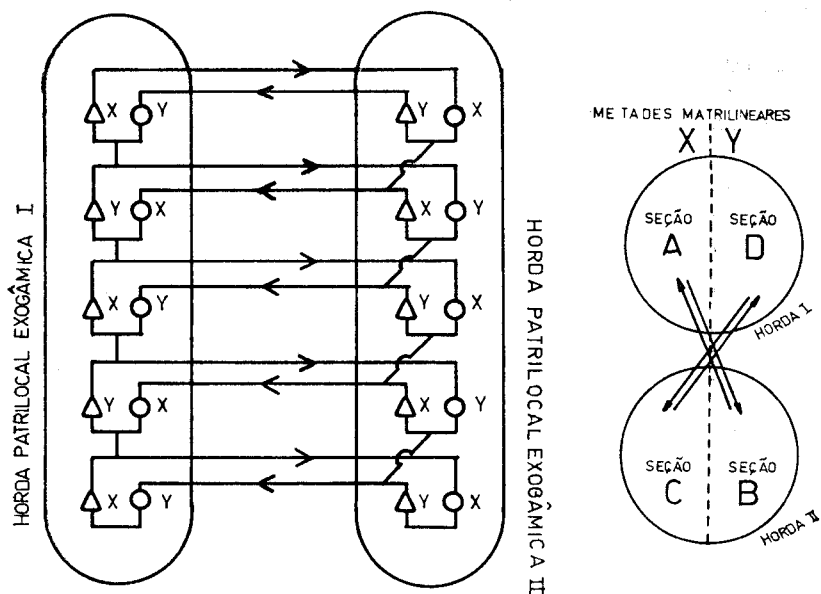
FIGURA N.º 6 — Duas tentativas de representar graficamente a explicação de Lévi-Strauss para o sistema de quatro seções. As setas indicam o deslocamento pós-marital das mulheres.

Mas não parece que o sistema Kariera, para operar, permita exclusivamente a união entre membros de dois grupos locais. Caso assim fosse, a tribo Kariera e todas aquelas que têm o mesmo sistema se fracionariam em pequenos grupos endogâmicos, cada um constituído por dois grupos locais. Mas o próprio Radcliffe-Brown nos aponta instituições que quebram essa tendência e contribuem para a integração de toda a tribo (1930-31, p. 446-447). Uma delas era a viagem de vários meses que todo jovem fazia antes da iniciação na idade adulta através de grupos locais de sua tribo e, eventualmente, até de outras tribos. Mesmo entre os grupos locais inimigos ele era considerado sagrado e sua vida respeitada. Pelo resto da vida ele podia viajar com segurança através dos grupos que visitara na primeira viagem e não raro encontrava esposa num deles. Como cada rapaz do grupo local não percorria o mesmo caminho, abria-se a possibilidade de alianças matrimoniais com vários outros grupos locais. Por isso, voltando ao exemplo da mulher da metade matrilinear Y e do grupo local II, nada impede que, enquanto ela

se casa com um homem da metade X e do grupo local I, sua irmã se una a um homem da metade X, mas do grupo local III, enquanto uma outra irmã, também respeitando a exogamia de metade, se case com um membro do grupo local IV. Aos filhos dessas três mulheres, embora nasçam em grupos locais diversos (I, III e IV), é permitido casar com suas primas cruzadas, nascidas no grupo local I. Naturalmente essas mulheres do grupo local II só poderão se casar com homens dos grupos locais I, III e IV, se estes forem constituídos pela dupla oposta àquela a que elas pertencem[14]. Segundo Radcliffe-Brown (1913, p. 159) os Kariera dispunham de termos para fazer essa distinção: um indivíduo chamava aos grupos locais constituídos pela mesma dupla que o seu de *ngaju maru* ("meu" *maru*), enquanto os constituídos pela dupla oposta, de *balu maru* (*maru* "dele"). Ora, isso não seria o reconhecimento pelos Kariera da existência de metades patrilineares? Em vista disso, não cremos que a interpretação do sistema Kariera por Lévi-Strauss negue a de Radcliffe-Brown; ela é antes um detalhamento desta última. Radcliffe-Brown considerou a tribo inteira; Lévi-Strauss, os grupos locais tomados dois a dois.

Ora, a estrutura social Marubo, pelo menos nos três aspectos que se seguem, se aproxima das características básicas do sistema Kariera.

Em primeiro lugar, os Marubo dão como preferível o casamento com a filha do *coca,* termo que rotula, entre outros, o irmão da mãe mais velho que Ego masculino, e dizem ser bom também a troca de irmãs, o que pode levar ao casamento com a prima cruzada bilateral; ora, os Kariera preferem o casamento com a prima cruzada matrilateral ou bilateral.

Em segundo lugar, o que chamamos de unidades matrilineares Marubo corresponde exatamente aos ciclos Kariera; entretanto, não podemos falar de pares e duplas entre os Marubo. Se supusermos uma situação em que duas unidades matrilineares Marubo se isolem das demais, as categorias que as compõem passariam a operar

14 Um leitor mais apressado poderia julgar que, ao admitirmos a possibilidade de casamentos entre mais de dois grupos locais no sistema Kariera estaríamos confundindo este com sistemas mais complexos, como o Murngin ou o Aranda. Mas não é o que acontece. Discutir a distinção entre esses sistemas seria longo, enfadonho e não muito relevante para o presente trabalho. De qualquer modo, convém notar que, enquanto o sistema Kariera exige um mínimo de dois grupos locais para operar, o Aranda exige quatro; mas parece que nenhum dos dois impõe um número máximo.

exatamente como as seções Kariera. Por exemplo, se essas unidades matrilineares isoladas fossem a H e a I, poderíamos escrever:

Wanĩbo	*Inonáwabo*		H1	I2
		ou		
Camãnáwabo	*Cananáwabo*		H2	I2

E também poderíamos dispor essas categorias num esquema igual ao da Figura n.º 4, substituindo a seção A por *Wanĩbo*, a B por *Inonáwabo*, a C por *Camãnáwabo* e a D por *Cananáwabo*. Embora o isolamento completo de duas unidades matrilineares não aconteça entre os Marubo, o Quadro I nos mostra situações aproximadas: nota-se, por exemplo, uma maior freqüência de casamentos entre as unidades matrilineares A e B, de um lado, e A e D, de outro. Assim, a unidade A faria o jogo das quatro seções com a unidade B, mas ao mesmo tempo o faria também com a unidade C. Teríamos então:

A1	B2		A1	D2
		e também		
A2	B1		A2	D1

Nada impede que um indivíduo produzido por um circuito se desvie para o outro. Por exemplo, um homem B2 se casa com uma mulher A1 e lhes nasce um filho A2. Este, ao invés de se casar com uma mulher B1, pode vir a se casar com uma D1. De qualquer modo, os esquemas acima são puramente estatísticos; nenhuma regra Marubo, pelo menos segundo o atual conhecimento que temos de sua cultura, obriga o membro de uma categoria a se casar com um membro de uma outra determinada categoria.

Em terceiro lugar, a terminologia de parentesco Marubo pode ser distribuída segundo um sistema de quatro seções. Radcliffe--Brown (1930-31, p. 48; 1913, p. 154) chama a atenção para o fato de que na tribo Kariera há termos recíprocos que Ego aplica a membros da segunda geração ascendente e da segunda descendente. Temos assim, para Ego masculino, as equações PP=FF=fF e Pm=Ff=ff, e, para Ego feminino, mm=ff=Ff e mP=fF=FF. Note o leitor que a primeira e a terceira das citadas equações se referem a parentes incluídos na mesma seção de Ego, enquanto a segunda e a quarta, a membros da seção oposta do mesmo par. Ora, entre os Marubo, se ignorarmos o critério da idade relativa, há termos recíprocos utilizados entre Ego e os membros de sua própria geração, da se-

gunda geração ascendente e da segunda descendente; e mais ainda: há termos recíprocos utilizados entre Ego e os membros da primeira geração ascendente e da primeira descendente. Assim, a relação da terminologia Marubo com o sistema de quatro seções seria até mais íntima que a da terminologia Kariera. O leitor poderá visualizar melhor essa relação, retornando ao subtítulo "Parentesco", do presente trabalho. Ali distribuímos os termos de parentesco Marubo em quatro conjuntos. Se o leitor tomar o esquema da Figura n.º 4 e sobre ele distribuir esses termos de parentesco, verificará que, se considerar Ego como pertencente à seção A, os termos de parentesco do conjunto *a* serão aplicados a membros da seção A; os do conjunto *b*, a membros da seção B; os do conjunto *c* a membros da seção C e os do conjunto *d* a membros da seção D. Em outras palavras, termos de parentesco aplicados a membros de uma seção não o são a membros de outra seção, exceto da seção D, para Ego masculino e C, para o feminino.

Mas essas semelhanças com o sistema Kariera não ocorrem apenas no caso dos Marubo. Assim como a Austrália é uma área em que as sociedades nativas constituem variedades de um único tipo mais geral de organização social, como disse Radcliffe-Brown (1930-31, p. 34), as recentes pesquisas etnológicas no sudoeste da Amazônia estão fazendo emergir um conjunto de sistemas muito semelhantes entre si, mantidos por grupos tribais que falam línguas da família Pano, entre os quais se contam os Marubo. Infelizmente não parece haver muitos trabalhos publicados sobre a estrutura social dos grupos Pano. Quase todos foram redigidos recentemente e a maioria deles é constituída de comunicações ainda não impressas de forma definitiva.

Um dos grupos Pano que vêm sendo estudados mais intensivamente é o dos Kaxinawa, através das pesquisas de Kenneth Kensinger, no Peru [15]. Os homens Kaxinawa estão divididos em metades patrilineares; as mulheres se dividem num par de metades correspondentes, cuja qualidade de membro é transmitida da tia paterna para a sobrinha (enfim, constituem um só par de metades com designações distintas para mulheres e para homens). Cada metade se divide em duas seções. Cada seção inclui membros de ge-

---

15 Os Kaxinawa do lado brasileiro começaram a ser estudados por Terri Valle de Aquino, aluno do Curso de Pós-graduação em Antropologia da Universidade de Brasília, em pesquisas patrocinadas pela Fundação Nacional do Índio e pela Fundação Universidade Federal do Acre.

rações alternadas da mesma metade. Os nomes pessoais são transmitidos dentro da mesma seção. Cada indivíduo só pode casar com membros de determinada seção da metade oposta, sendo o casamento ideal entre primos cruzados, especialmente os bilaterais. O grupo local é idealmente endogâmico e constituído de duas famílias extensas matrilocais encabeçadas por homens casados, um com a irmã do outro (KENSINGER, ms. 1, ms. 2 e ms. 3).

Os Xaranawa, do Peru, vizinhos dos Kaxinawa, têm uma terminologia de parentesco bem semelhante à dos Marubo, parecem mostrar preferência pelo casamento entre primos cruzados, ligeiramente acentuada no que se refere à prima cruzada patrilateral; seguem a regra de residência matrilocal e preferem a endogamia de grupo local. A patrilinearidade atua pelo menos no reconhecimento daqueles que devem pertencer ao grupo tribal (no caso de filhos de casamento intertribal). Essas são algumas de suas características, segundo se depreende do texto de Siskind (1975, p. 52-66, 74-80 e 198-203), que, embora admita metades como recurso para se analisar o sistema de parentesco dos Xaranawa, dá a entender que eles não reconhecem explicitamente a existência delas e, muito menos, de seções.

Das três sociedades Pano aqui citadas, a que mais se aproxima do tipo Kariera é a Kaxinawa, seguida da Marubo, sendo talvez a Xaranawa a mais afastada. De fato, todas três preferem, com ligeiras variações, tanto o casamento com a prima cruzada patrilateral como com a matrilateral; todas três se utilizam de termos de parentesco que podem ser distribuídos em quatro seções. Entretanto, só os Kaxinawa reconhecem explicitamente a existência de quatro seções. Entre os Marubo, estas seções (categorias) são em número maior do que quatro. Por sua vez, os Xaranawa não reconhecem explicitamente a existência de seções. Convém notar que, por outro lado, os Kaxinawa e Xaranawa estão mais próximos entre si do que dos Marubo no que se refere à endogamia de grupo local e à tendência patrilinear.

O recente conhecimento que se vem desenvolvendo a respeito das sociedades Pano por certo acabará por colocar em questão as explicações que têm sido sugeridas até agora para o sistema de quatro seções. De fato, se Lévi-Strauss propôs, para explicar o sistema Kariera, a combinação de um par de metades matrilineares com dois grupos locais patrilocais, o sistema Kaxinawa faz justamente o inverso: combina metades patrilineares com residência matrilocal. Mas, quando opomos a residência patrilocal dos Kariera à residência

matrilocal Kaxinawa, não se constata simplesmente que uma é o inverso da outra: estamos tratando de costumes fundamentalmente diferentes. Isso porque o grupo local Kariera é exogâmico; portanto, a residência patrilocal implica no deslocamento da mulher do território de uma horda para o de outra; o grupo local Kaxinawa é idealmente endogâmico (como o Xaranawa); conseqüentemente, a residência matrilocal implica no deslocamento do homem de apenas alguns metros, de uma casa para outra, dentro da mesma aldeia e, no passado, provavelmente, até dentro da mesma maloca. Assim, se entre os Kariera a residência patrilocal está ligada à necessidade do homem não abandonar o território de caça de sua horda, a que está habituado (Radcliffe-Brown, 1930-31, p. 439), entre os Kaxinawa, onde cada homem tem uma área de caça reservada para si (KENSINGER, 1975, p. 25-29), a matrilocalidade não o afasta dessa área. Por sua vez os Marubo, diferentemente dos Kariera e dos Kaxinawa, não apresentam uma regra de residência bem definida, no que tange às malocas e aos grupos locais (entretanto, estatisticamente, o grupo local vizinho de Vida Nova apresenta tendências endogâmicas).

O sistema de quatro seções, portanto, reflete, as combinações mais diversas. Vimos que Radcliffe-Brown propôs como sua explicação a combinação de um par de metades patrilineares com um par de metades matrilineares. Lévi-Strauss, na sua explicação, manteve o par de metades matrilineares de Radcliffe-Brown, mas substituiu o par de metades patrilineares por dois grupos locais (hordas) exogâmicos e patrilocais. Já comentamos, também, que, aplicadas ao caso específico da tribo Kariera, as duas explicações são válidas: os Kariera realmente dispunham de grupos locais (hordas) exogâmicos e patrilocais, o que dá razão a Lévi-Strauss, mas esses grupos locais podem ser distribuídos em duas duplas distintas, o que é reconhecido pelos próprios membros da tribo dos Kariera, e cada dupla pode ser considerada uma metade patrilinear, o que dá razão a Radcliffe-Brown. Por outro lado, as metades matrilineares, em ambos os autores, pelo menos quanto ao caso concreto da tribo dos Kariera, parecem ter uma existência puramente baseada no trabalho analítico dos mesmos.

Ora, o caso Kaxinawa traz dificuldades para ambas as explicações. Esse grupo tribal Pano tem metades patrilineares, o que à primeira vista favorece à explicação de Radcliffe-Brown, mas lhe faltam as metades matrilineares: as seções são reconhecidas pelos próprios Kaxinawa como subdivisões das metades patrilineares. Por

outro lado, o caso Kaxinawa parece pedir explicação inversa àquela de Lévi-Strauss: metades patrilineares (ao invés das matrilineares, desse autor) combinadas com grupos domésticos matrilocais (ao invés de grupos locais patrilocais, do mesmo autor). Portanto, para dar conta tanto do caso Kariera como do Kaxinawa, poder-se-ia propor que o sistema de quatro seções estaria associado a uma regra de descendência unilinear combinada com uma regra de residência "unilocal" oposta (que o leitor tolere o neologismo: unilocal seria um termo análogo a unilinear e abrangeria a residência exclusivamente patrilocal ou exclusivamente matrilocal). Em outras palavras, o sistema de quatro seções estaria ligado à combinação de matrilinearidade com patrilocalidade (caso Kariera) ou à combinação de patrilinearidade com matrilocalidade (caso Kaxinawa). Ora, essa explicação chegou a ser sugerida por Lévi-Strauss, que chamou a essas combinações de regimes desarmônicos (1976, p. 257).

Entretanto, esta última explicação não dá conta do caso dos Marubo, que apresentam uma descendência que poderíamos chamar de matrilinear, mas não dispõem, como se deveria esperar, de residência matrilocal. Como vimos, a escolha da residência pós-marital entre os Marubo parece baseada em regras muito elásticas.

Para dar conta do caso Marubo será preciso modificar mais uma vez a explicação. Pode-se sugerir que o sistema de quatro seções se manifesta quando temos, por um lado, uma regra de descendência unilinear ou de residência unilocal e, por outro, uma classificação de gerações em dois conjuntos. Essa explicação está representada graficamente na Figura n.º 7. De fato, nos três grupos tribais Pano

	UNIDADES UNILINEARES OU UNILOCAIS X ou X', X'', X''', ETC.	UNIDADES UNILINEARES OU UNILOCAIS Y ou Y', Y'', Y''', ETC.
GERAÇÕES "PARES"	SEÇÃO A	SEÇÃO B
GERAÇÕES "ÍMPARES"	SEÇÃO D ou C	SEÇÃO C ou D

FIGURA N.º 7 — Tentativa de representação gráfica da explicação para o sistema de quatro seções que o autor supõe ser a mais adequada.

examinados, é muito nítida, tanto nos termos de parentesco como nas regras de transmissão de nomes pessoais, a identificação da geração de Ego (geração zero) com a segunda ascendente, a segunda descendente e, enfim, todas aquelas que poderíamos chamar de gerações "pares"; assim como a identificação da primeira ascendente com a primeira descendente e todas as outras que poderíamos chamar de gerações "ímpares". Essa classificação das gerações em dois conjuntos também se nota (talvez de modo menos acentuado) na tribo Kariera, como já vimos. Mas essa explicação também não é novidade: numa carta endereçada a Lévi-Strauss (1976, p. 263), Radcliffe-Brown chama a esses dois conjuntos de gerações de "duas metades endógamas de divisões de gerações alternantes". E diz mais adiante: "É esta divisão em metades endógamas que se acha situada nos fundamentos de todos os sistemas de 'classes' ". Por "classe" Radcliffe-Brown entende certamente as seções e subseções. E continua: "Se acrescentarmos ao sistema de metades endógamas (divisões de gerações alternantes) as metades exógamas patrilineares ou matrilineares, o resultado é um sistema de quatro divisões".

A representação gráfica desta última explicação (Figura n.º 7) mostra-nos que ela não escapa às dimensões 2x2 das anteriores, isto é, uma divisão dual sobreposta a outra divisão dual. Isso torna difícil sua aplicação ao caso Marubo, que apresenta mais de duas unidades unilineares. Entretanto, como já vimos, os Kariera também estavam reduzidos a apenas duas hordas, mas tinham pelo menos 19 delas, a julgar pelo já citado mapa de Radcliffe-Brown; vimos também que essas hordas não estavam exclusivamente unidas duas a duas, pelo casamento. Ora, se mesmo assim Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss aplicaram seus esquemas 2x2 aos Kariera, por que não podemos fazer o mesmo com os Marubo, cujas unidades matrilineares correspondem às hordas patrilocais Kariera? Mas, entre os Kariera, só haveria casamento entre hordas constituídas por duplas opostas, o que acabava por dividir toda a tribo em metades patrilineares, como vimos. Será que, analogamente, os Marubo também não tenderiam a se dividir em metades, mas, neste caso, matrilineares? Explicando melhor: entre os Marubo, Ego está na mesma categoria da mãe da mãe; aliás ela é chamada por um termo que é uma variação daquele aplicado à irmã mais velha (*tichtxo*). Se cada seção (admitindo-se que as seções são sempre em número de quatro) correspondesse a apenas uma categoria Marubo, o pai do pai estaria fatalmente colocado também na mesma categoria de Ego

e seria um irmão real ou classificatório da mãe da mãe. Entretanto, como existem mais de quatro categorias, o pai do pai pode pertencer a uma categoria distinta da de Ego. Mesmo quando isto acontece, ele é chamado por um termo que constitui uma variação daquele aplicado ao irmão mais velho (*ochtxo*). Por conseguinte, Ego terá "irmãos" tanto na sua própria categoria como naquela em que está o pai do pai. O fato de Ego ter "irmãos" em categorias componentes de outras unidades matrilineares não as poria, junto com a sua, do mesmo lado de uma fronteira de exogamia? E isso não levaria à formação de metades matrilineares? Os Marubo nada expressaram verbalmente a respeito dessa possibilidade. A observação do Quadro I também não nos permite, na base da presença ou ausência de casamentos entre as unidades matrilineares tomadas duas a duas, propor a existência de metades não reconhecidas pelos membros do grupo. Se considerarmos apenas as freqüências maiores (de 5 casamentos ou uniões para mais) poderíamos supor que as unidades A, C, F e H constituiriam uma metade matrilinear exogâmica, enquanto as unidades B, D, E, G e I, a metade oposta. Mas há muitas uniões que rompem essa exogamia. A outra maneira de fazer o caso Marubo entrar num rígido esquema 2x2 seria constituída pela conjectura formulada páginas atrás de que no passado teria havido várias tribos, em áreas diferentes, cada uma dividida em quatro categorias, e cujos remanescentes se reuniram para constituir os atuais Marubo.

Uma outra limitação desta última explicação, e que também marca as anteriores, é o fato de considerar unidades não reconhecidas pelos membros de todas as sociedades a que se aplica, mas em várias delas apenas isoladas, pela análise do pesquisador. Mas, se não fosse assim, ela não poderia se aplicar ao caso dos Xaranawa, que não explicitam a existência de unidades unilineares e nem de dois conjuntos de gerações.

O exame que acabamos de fazer deixa-nos mais interrogações do que respostas, pois nos dá a impressão de estarmos lidando com formas vazias de conteúdo. Como fazer emanarem essas firmas das atividades concretas dos membros dessas sociedades? Não estamos preparados para realizar esta tarefa aqui, pois nos falta mais leitura sobre as sociedades autralianas e as sociedades Pano. Mas, sem dúvida, não deixa de ser uma questão estimulante, cuja solução podemos tratar de desenvolver num futuro trabalho.

BIBLIOGRAFIA

DWYER, Jane Powel (Org.) Studying the Cashinahua. In: *The Cashinahua of Eastern Peru*. The Haffenreffer Museu of Anthropology, Brown University, 1975.

KENSINGER, Kenneth M. Ms. 1. "Panoan social organization", comunicação apresentada no simpósio "An Overview of Panoan Research", no 74th Annual Meeting of the American Anthropological Association, em São Francisco, Califórnia, 6/12/1975.

————. Ms. 2.1 "Cashinahua notions of the social time and social space". comunicação apresentada no simpósio "Social time and social space in lowland South American Societies", no 42.º Congresso Internacional de Americanistas, Paris, setembro de 1976.

————. Ms. 3.1 "Cashinahua marriage", capítulo para o livro *Marriage practices in lowland South American societies,* organizado por Kenneth M. Kensinger.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco.* Petrópolis/São Paulo, Vozes/Editora da USP, 1976.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Three tribes of Wester Australia. *The Journal of the Royal Anthropological Institute.* v. 43., 1913. p. 143-194.

———— The social organization of Australian tribes. *Oceania.* v. 1, 1930/31. p. 34-63, 206-246, 322-341 e 426-456.

SISKIND, Janet. *To hunt in the morning. London, Oxford,* New York, Oxford University Press, 1975.